

**UNIVERSIDADE TECNOLOGIA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

SAMIRA ALVES DE SOUZA

LETRAMENTO LITERÁRIO

**CURITIBA
2018**

SAMIRA ALVES DE SOUZA

LETRAMENTO LITERÁRIO

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA
2018

SAMIRA ALVES DE SOUZA

LETRAMENTO LITERÁRIO

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 6 de setembro de 2018.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima – UTFPR – Orientador

Prof. Dr. Marcelo Franz – UTFPR – Avaliador

Profa. Dra. Maurini de Souza

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

RESUMO

SOUZA, Samira Alves de. **Letramento Literário**. 2018. 22 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este trabalho tem por objetivo explorar o tema do letramento e do letramento literário, através dos meios digitais, a produção textual colaborativa em ambientes escolares, incorporando-a a um gênero textual como parte dos multiletramentos. No ensino médio, essa deficiência se evidencia e se acentua, em virtude da introdução de estudos sistematizados de textos literários, que geralmente exigem habilidades complexas de leitura, como a análise, a comparação e a interpretação. Assim, a escola não vem cumprindo seu papel de formar leitores competentes – seja de gêneros do discurso em geral, seja de gêneros literários –, nem tem cultivado o hábito regular de leitura entre os jovens. Por isso, com exemplos práticos de como seria conduzido o trabalho, procura-se situar como eixo das atividades o diálogo entre textos de diferentes épocas e autores, bem como de diferentes línguas e culturas, a fim de compreender não apenas as relações entre a cultura brasileira e a cultura de outros povos, mas também as relações entre a cultura do passado e a cultura contemporânea. Essa proposta, de perspectiva dialógica do texto literário, visa aproximar as abordagens sincrônica e diacrônica da literatura, priorizando a leitura do texto e o desenvolvimento de habilidades de leitura. Assim é possível proporcionar um olhar diferenciado e enxergar o aluno em sala de aula como nativo digital que é: um construtor colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas.

Palavras chave: Letramento; Multiletramentos; Nativo digital; Linguagens; Letramento literário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. ESTÉTICA DA COMUNICAÇÃO	7
2. LETRAMENTO.....	7
3. LETRAMENTO SOCIAL	10
4. MULTILETRAMENTO.....	12
5. GÊNERO TEXTUAL	13
6. GÊNERO TEXTUAL: FANFIC.....	16
7. LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo explorar o tema do letramento e do letramento literário, através dos meios digitais, a produção textual colaborativa em ambientes escolares, incorporando-a a um gênero textual como parte dos multiletramentos. Também enxergar o aluno em sala de aula como um nativo digital – um construtor colaborador de textos na era das linguagens líquidas. Para complementar Martino (2007) menciona que no século XXI, o ser humano se recria a partir da mídia e faz uso da linguagem que muda constantemente. Por isso o papel da escola – como agência cosmopolita (Santos, 2005) – é o de estabelecer a relação, a permeabilidade entre as culturas e letramentos locais/globais dos alunos e a cultura valorizada que nela circula ou pode vir a circular.

A professora Regina Zilbermam (2003) constata que os alunos fazem a leitura dos fragmentos de textos literários presentes nos livros didáticos e isso não forma o leitor do livro e também acrescenta que as novas teorias de leitura parecem dispensar o texto literário como um objetivo ou fim a ser atingido como fora no passado.

Segundo Roxane Rojo (2009) para estabelecer relações é necessário que há uma compreensão dos conceitos de alfabetização, alfabetismo e letramento entendido no plural – letramentos -, um conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signos, como a escrita ou outras modalidades de linguagem, para gerar sentidos.

Rojo (2009) descreve a alfabetização como a “ação de alfabetizar, de ensinar a ler e a escrever”, que leva o aprendiz a conhecer o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura, a se tornar alfabetizado. Já alfabetismo é um conceito bastante complexo, sócio-historicamente determinado. Complexo porque envolve tanto as capacidades de leitura como as de escrita. Estas são múltiplas e variadas. Ainda complementa que para ler não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras em sons da fala é preciso compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar, prever, hipotetizar, inferir, comparar informações, generalizar. Também acrescenta que é preciso interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu próprio ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto em seu contexto. Para a última definição, Rojo,

menciona que o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrendo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídia, escola), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.

1. ESTÉTICA DA COMUNICAÇÃO

No século XXI, o ser humano se recria a partir da mídia e faz uso da linguagem que muda constantemente. A linguagem não é estática, e sua dinâmica é percebida na fala. Esse dinamismo da linguagem é um reflexo do dinamismo da realidade em perpétua mudança. Para isso faz uso das palavras que são uma maneira de estruturar e tornar inteligível a realidade, ordená-la de maneira que ela tenha um sentido lógico e estrutural perceptível ao nosso cérebro. Todavia, o sentido de uma palavra não é construído necessariamente de acordo com sua representação real, mas também de acordo com sua representação contextual.

Martino (2007, p. 63) menciona que a linguagem estrutura o mundo da percepção conceitual. A rigor, o entendimento do mundo é o entendimento da linguagem e a clareza na linguagem é a clareza no entendimento do mundo.

2. LETRAMENTO

Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. *Literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sociais sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos, do ponto de vista social, introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos. Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como

consequência de ter-se apropriado da escrita. Esta definição é elaborada pela professora Magda Soares (1998). A professora ainda faz uma inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, interessa-se em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva, se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada.

O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social na escrita” (Kleiman 1991), dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. Os estudos sobre letramento, no entanto, examinam o desenvolvimento social que acompanhou a expansão dos usos da escrita desde o século XVI, tais como a emergência do Estado como unidade política, a formação de identidades nacionais não necessariamente baseada em alianças étnicas e culturais, as mudanças socioeconômicas nas grandes massas que se incorporaram às forças de trabalho industriais, o desenvolvimento das ciências, a dominância e padronização de uma variante de linguagem, a emergência da escola, o aparecimento das burocracias letradas como grupos de poder nas cidades, enfim, as mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas relacionadas com o uso extensivo da escrita nas sociedades tecnológicas.

Aos poucos, os estudos foram se alargando para descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como e quais eram os efeitos das práticas de letramento em grupos minoritários, ou em sociedades não-industrializadas que começavam a integrar a escrita como uma “tecnologia” de comunicação dos grupos que sustentavam o poder.

Hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita.

Há um modelo autônomo de letramento em que a característica de “autonomia” refere-se ao fato de que a escrita seria um produto completo de si mesmo, que não estaria preso ao contexto de produção para ser interpretado; o processo de interpretação estaria determinado pelo funcionamento lógico interno ao texto escrito, não dependendo das reformulações estratégicas que caracterizam a oralidade, pois nela, em função do interlocutor, mudam-se rumos, improvisa-se, enfim, utilizam-se outros princípios que os regidos pela lógica, a racionalidade, ou consistência interna, que acabam influenciando a forma da mensagem.

Outro modelo é o ideológico de letramento. Street (1984 e 1993) denomina o modelo alternativo de letramento ideológico para destacar explicitamente o fato de que todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura mas também das estruturas de poder numa sociedade. Segundo Street,

Qualquer estudo etnográfico do letramento atestará, por implicação, sua significância para diferenciações que são feitas com base no poder, na autoridade, na classe social, a partir da interpretação desses conceitos pelo pesquisador. Assim, já que todos os enfoques sobre o letramento terão um viés desse tipo, faz mais sentido, do ponto de vista da pesquisa acadêmica, admitir e revelar, de início, o sistema ideológico utilizado, pois assim ele pode ser abertamente estudado, contestado e refinado. (1993, p.9)

O modelo ideológico, portanto, não deve ser entendido como uma negação de resultados específicos dos estudos realizados na concepção autônoma do letramento. Os correlatos cognitivos da aquisição da escrita na escola devem ser entendidos em relação às estruturas culturais e de poder que o contexto de aquisição da escrita representa na escola representada.

O modelo que determina as práticas escolares é o modelo autônomo de letramento, que considera a aquisição da escrita como um processo neutro que, independentemente de considerações contextuais e sociais, deve promover aquelas atividades necessárias para desenvolver no aluno, em última instância, como objetivo final do processo, a capacidade de interpretar e escrever textos abstratos, dos

gêneros expositivo e argumentativo, dos quais o protótipo seria o texto tipo ensaio, por isso pressupõe uma separação polarizada entre a oralidade e a escrita.

Freire (1991, p.68) contrapõem e menciona

na medida em que possibilita uma leitura crítica da realidade, se constitui como um importante instrumento de resgate da cidadania e que reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social.

O resgate da cidadania, no caso dos grupos marginalizados, passa necessariamente pela transformação de práticas sociais tão excludentes como as da escola, um dos lugares dessa transformação poderia ser a desconstrução da concepção do letramento dominante.

3. LETRAMENTO SOCIAL

Street (2014), por sua vez, enfatiza a natureza social do letramento, em oposição ao que denomina perspectiva “autônoma” do letramento, orientada para as habilidades. Em contraposição a essa perspectiva, Street propõe um modelo “ideológico” de letramento, que reconhece que as práticas de leitura e escrita estão sempre inseridas não só em significados culturais, mas em alegações ideológicas sobre o que conta como “letramento” e nas relações de poder a ele associadas. As condições sociais e materiais afetam a significação de uma dada forma de comunicação, e é inadequado deduzir do mero canal quais serão os processos cognitivos empregados ou as funções que serão atribuídas à prática comunicativa.

Para o autor Street, o argumento que o modelo ideológico oferece é uma síntese entre abordagens “tecnicistas” e “sociais”, uma vez que evita a polarização introduzida por qualquer tentativa de separar os aspectos “técnicos” do letramento, como se os “ingredientes culturais” pudessem ser adicionados depois. Aqueles que têm empregado um modelo autônomo e que, em geral, têm dominado o campo dos estudos do letramento até recentemente, é que foram responsáveis por estabelecer uma falsa polaridade entre os aspectos técnicos e culturais do letramento. O modelo ideológico, por outro lado, não tenta negar a habilidade técnica ou os aspectos cognitivos da leitura e da escrita, mas sim entendê-los como encapsulados em todos

culturais e em estruturas de poder. Nesse sentido, o modelo ideológico subsume, mais do que exclui, o trabalho empreendido dentro do modelo autônomo.

Ainda completa Street que o uso do termo “ideológico” para descrever essa abordagem, em vez de termos menos contenciosos ou carregados como “cultural”, “sociológico”, porque indica bem explicitamente que as práticas letradas são aspectos não só da cultura como também das estruturas de poder. Street reafirma:

A própria ênfase de tantos autores na “neutralidade” ou “autonomia” do letramento é ideológica porque mascara essa dimensão de poder. Qualquer relato etnográfico do letramento fará emergir, de fato, essa importância do poder, da autoridade e da diferenciação social em termos da interpretação desses conceitos pelo próprio autor. Uma vez que todas as abordagens do letramento na prática envolverão um viés desse tipo, é melhor para o estudo admitir e expor logo de início o quadro ideológico particular empregado – assim ele poder ser examinado, contestado e refinado segundo modos mais difíceis quando a ideologia permanece oculta. Isso significa usar o termo “ideológico” não em seu antiquado sentido marxista de “falsa consciência” e dogmas simplório, mas no sentido empregado por grupos “radicais” dentro da antropologia, da sociolinguística e dos estudos culturais contemporâneos, em que a ideologia é o lugar de tensão entre autoridade e poder.

Visto por esta perspectiva, o estudo do letramento é a reavaliação da importância do “contexto” na análise linguística. Grillo (1987) fomenta que o letramento é visto como um tipo de prática comunicativa. A seguir a definição estreita:

Em linguística, o termo social tende a ser reservado à interação pessoa, ao passo que a maioria dos antropólogos gostaria de enfatizar que mesmo o falante nativo intuindo é um ser social [...]
[Além disso] quando, na análise do enunciado, a atenção se volta para o contexto social, o foco principal de investigação tem sido a pragmática, o fazer coisas com palavras. No entanto, isso não deveria diminuir a atenção dispensada ao contexto social na análise do uso da língua para fazer propostas sobre o mundo, já que se trata também fundamentalmente de um processo social.

Partindo da ideia de Street e Grillo de que o letramento é uma prática comunicativa e social, Roxane Rojo (2013) acrescenta que a integração de semioses, o hipertexto, a garantia e um espaço para a autoria e para a integração, a circulação de discursos polifônicos num mesmo ciberespaço, com a distância de um clique, desenham novas práticas de letramento na hipermídia. Segundo Rojo tais mudanças nos letramentos digitais, ou novos letramentos, não são simplesmente consequência de avanços tecnológicos. Elas estão relacionadas a uma nova mentalidade, que pode ou não ser exercida por meio de novas tecnologias digitais.

Rojo (2013) acrescenta que se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Hoje, é preciso tratar da hipertextualidade e das relações entre diversas linguagens que compõem um texto, o que salienta a relevância de compreender os textos da hipermídia. Vivemos a era de linguagens líquidas, a era do *networking*, ou relacionamentos. Nesta era, competências variadas são exigidas para realizar o que Santaella (2007, p.78) chama de “criações conjugadas”. Fala-se em mover o letramento para o multiletramentos. Em deixar de lado o aluno inocente e enxergar o aluno em sala de aula como nativo digital que é: um construtor colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas.

4. MULTILETRAMENTO

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico. Hoje os textos são produzidos para serem lidos pelos sentidos. Pensamentos e interações se moldam em gêneros textuais e a história do indivíduo letrado começa com a imersão no universo em que o sistema linguístico é apenas um dos modos de constituições dos textos que materializam as ações sociais.

As linguagens empregadas neste processo vão depender dos suportes dos textos, pois é justamente no texto onde os modos (imagem, escrita, som, música, linhas, cores, tamanho, ângulos, entonação, ritmos, efeitos visuais, melodia, etc) são realizados. Recursos semióticos é o termo que tem sido utilizado para descrever esses modos e como eles se integram através das modalidades sensoriais na construção de eventos e textos multimodais. O termo multimodal tem sido usado para nomear textos constituídos por combinação de recursos de escrita (fonte, tipografia), som (palavra falada, música), imagem (desenhos, fotos reais), gestos, movimentos e expressões faciais.

As novas mídias, os suportes e as possíveis implicações no processo de aprendizagem da leitura, considerando os modos semióticos na tessitura dos textos

digitais, sinalizam a necessidade de ler e escrever cada vez mais na era da computação.

Os multiletramentos envolvem as múltiplas facetas e os múltiplos contextos em que a linguagem se faz presente, considerando, é claro, os conceitos e as premissas adotadas por Rojo (2013). Os chamados multiletramentos são caracterizados pelos novos gêneros textuais que surgem a cada momento, desencadeados pelas novas tecnologias, novas produções midiáticas; novas criações em diversos contextos, especialmente nos meios digitais, contribuem imensamente para essa ampliação dos multiletramentos.

Portanto, no contexto específico de aprendizagem, com a utilização de recursos multimodais decorrentes de um processo natural da sociedade, o professor precisa ter consciência dos possíveis desdobramentos cognitivos no aprendiz e cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e da crítica.

5. GÊNERO TEXTUAL

O termo linguagem citado pertence a um texto e a um determinado gênero textual. Nas esferas acadêmicas, os teóricos priorizam o gênero como categoria quando tratam de qualquer aspecto que envolva mecanismos de textualização. O ensino, hoje, quando trata da análise de textos, de leitura e produções textuais, se pauta nas modernas reflexões e considerações a respeito dos gêneros. Isso acontece em especial desde 1997/1998, quando a noção de gênero foi incorporada aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesa, os quais indicam o gênero como objeto de ensino de leitura e produção de textos escritos e orais.

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencente a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (...) Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que os textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.

Os Parâmetros Curriculares provocaram uma reflexão sobre a língua e a linguagem e promoveram a visão de gênero como instrumento que permite ao indivíduo, agir linguisticamente nas mais variadas situações comunicativas. Na opinião de Rojo (2001), houve um avanço significativo no ensino da língua, pois, com as inovações nas políticas públicas educacionais, além de se trabalhar com a língua de forma diferenciada e não com grades de conteúdos pré-fixados, os parâmetros são diretrizes que estabelecem currículos e conteúdos para uma formação básica comum. Portanto, tanto para a produção como para a compreensão de textos, torna-se importante um maior conhecimento sobre os gêneros textuais como suporte de aprendizagem (MARCUSCHI, 2005).

A seguir, dada a sua importância, são apresentadas as concepções teóricas sobre os gêneros discursivos daquele que é considerado o ponto de referência nos estudos sobre gêneros: Bakhtin.

“Gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados”. Essa é a conceituação de Bakhtin que já se tornou um mantra quando se trata do assunto gênero. Bakhtin e seu círculo são referências, o ponto de partida, para a base teórica de muitos autores relevantes envolvidos na questão dos gêneros textuais.

Segundo Bakhtin (1992), a língua se efetiva em forma de enunciados (orais ou escritos) que os integrantes de uma esfera da atividade humana utilizam. O enunciado é a unidade real da comunicação verbal, ele nunca se repete, é um evento único, individual, apresenta características estruturais que lhe são comuns e possui fronteiras delimitadas que são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. O discurso só se concretiza por meio de enunciados.

Cada esfera de comunicação apresenta especificidades que lhe são inerentes e que marcam no enunciado três elementos que se fundem indissoluvelmente:

- a) conteúdo temático: é o objeto do discurso que é dizível por meio do gênero;
- b) estilo: consiste na seleção de recursos gramaticais, léxicos, fraseológicos;
- c) construção composicional: textos pertencentes a um gênero compartilham de determinados procedimentos composicionais em sua estrutura.

A situação de produção dos enunciados e a apreciação valorativa do locutor sobre o tema e de seus interlocutores determinam essas especificidades no enunciado, o qual se caracteriza como unidade real e concreta da comunicação discursiva.

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e se fundamenta principalmente pelo conteúdo do objeto de sentido. Dependendo do que representa o objeto de sentido (problemas de execução para o locutor/autor, determina-se a escolha dos recursos linguísticos e do gênero do discurso.

Para Bakhtin, a diversidade e a complexidade que marcam as diversas esferas sociais em seus aspectos ideológicos e culturais resultam em um número ilimitado de gênero:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (Bakhtin, 1992, p.179)

Marcuschi (2005) estabelece uma distinção entre gêneros textuais e tipos textuais. Para o autor os gêneros textuais são fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social. São fruto do trabalho coletivo e contribuem para ordenar e organizar as atividades comunicativas. Os gêneros não são instrumentos engessados, estanques, são eventos textuais maleáveis, plásticos e dinâmicos. Surgem das necessidades e atividades sócio-culturais e devem ser definidos mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por seus aspectos formais (linguísticos e estruturais).

O autor ressalta o uso das novas tecnologias e suas interferências nas atividades de interação verbal fazem surgir novas formas discursivas e, conseqüentemente, novos gêneros. Exemplos disso são: cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais (chats), blogs (diários), videoconferências, aulas virtuais etc.

Por isso, hoje, valem das possibilidades hipertextuais, multimidiáticas e hipermediáticas do texto eletrônico e que trazem novas feições para o ato da leitura: não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam. Inclusive, esses textos multissemióticos extrapolam os limites dos ambientes virtuais e invadiram os impressos (jornais, revistas e livros didáticos).

Ainda é perceptível que estamos inseridos na era das linguagens líquidas, a era do *networking*. Nesta era, competências variadas são exigidas para realizar o que Lucia Santaella chama de “criações conjugadas” (SANTAELLA, 2000, p.78).

6. GÊNERO TEXTUAL: FANFIC

As *fanfics* podem ser um belo exemplo dessas linguagens líquidas. Esse gênero textual engloba a escrita criativa, a metalinguagem e o pertencimento a uma base de fãs (fandom) em meios eletrônicos, e por uma experiência de escrita colaborativa em ambiente escolar feita com o suporte do Google Docs. Eliane Azaari e Melina Custódio, ambas mestrandas em linguística aplicada, aplicaram essa escrita na esfera escolar sob a perspectiva dos multiletramentos.

De uma forma generalizada, *fanfic* (termo reduzido para as fanfiction, i.e, “ficção de fã”) é uma história escrita por fãs, a partir de um livro, quadrinho, animê, filme ou série de tv. Este gênero pode ainda ser inspirado em bandas ou atores favoritos. Geralmente, usam ambientes como blogs ou páginas eletrônicas para a mídia escrita, mas navegam também por outros meios, como os vídeos (fanvids) ou quadrinhos e audiofics. Os escritores desse gênero hibridizam “o discurso do autor e do sujeito” quando a estória é recontada, re-escrita, movendo-se para além do que foi dado.

Abaixo, um exemplo de trecho de um entre milhares de estórias de fãs escritas a partir dos livros da Saga Crepúsculo, de Stephanie Meyer, um fenômeno de vendas da cultura pop. Nessa história, a personagem principal, Bella, é uma adolescente do Arizona, que se muda para a pequena Forks, onde conhece o amor de sua vida, que, por acaso, é um vampiro que se autoclassifica vegetariano. Nessa fanfic todas as personagens são humanas:

Percebendo meu olhar de interrogação só pelo canto dos olhos, minha mãe prosseguiu me explicando a situação. “A família de Bella é do Brasil, querido. Seu pai é da Força Aérea Brasileira e foi enviado para cá e com sua família por alguns anos enquanto faz um treinamento extensivo com nossos militares. Eles todos já estiveram aqui algumas vezes, já que Bella e Jasper se tornaram tão bons amigos”.

Rebecca Black (2005) sugere que as *fanfics* são frequentemente metalinguísticas, porque os autores começam a pensar sobre como escrevem, sobre seu domínio da língua, especialmente a partir dos comentários que recebem a cada capítulo publicado e que vão moldando e remoldando seu texto, em forma e conteúdo, de maneira essencialmente colaborativa, ou ainda através da leitura dos revisores (betaleitores) e mesmo com a composição de textos a quatro ou mais mãos. Veja alguns exemplos:

Figura 1: loucuras de adolescentes.



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=fanfic+loucuras+de+adolescentes&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=iZ4jUmx7k5NUJM%253A%252CvNNKupil5cyKAM%252C_&usg=__DLJLMPrI_jN6iyw3s86fF3EB3Eg%3D&sa=X&ved=2ahUKEwibubHHjicAhUlwFkKHZk-Cm8Q9QEwA3oECAQQBA#imgrc=iZ4jUmx7k5NUJM:

Figura 2: Uma vida sem limites.

Imagine BTS- Uma vida sem limites

escrita por ~Maria_2901



Em andamento

Capítulos 32

Palavras 38.625

Atualizada 1 hora atrás

Idioma Português

Categorias [50 Tons de Cinza](#), [A Bruxa de Blair](#), [Bangtan Boys \(BTS\)](#), [Death Note](#), [God of War](#), [Jason Derulo](#), [Justin Bieber](#), [Justin Timberlake](#), [Kim Nam-joon / Rap Monster](#), [Lucas "Luba" Feuerschütte](#), [Lucas "T3ddy" Olioti](#), [Originais](#), [Park Ji-min \(Jamie Park\)](#)

Gêneros [Ação](#), [Aventura](#), [Colegial](#), [Comédia](#), [Drama \(Tragédia\)](#), [Escolar](#), [Fantasia](#), [Ficção](#), [Hentai](#), [Romance e Novela](#), [Shoujo \(Romântico\)](#), [Universo Alternativo](#), [Violência](#)

S/N é uma garota do Brasil e vive uma vida bem agitada pois sua mãe não tem condições de criar as duas desde que seu pai morreu, então ela tem que estudar e trabalhar, depois de muito tempo S/n ganha uma bolsa de estudos mas

18 109 74

[Exibir sinopse completa](#)

Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/uma-vida-sem-limites--imagine-jungkook-bts-6984824>

A metalinguagem também é expressa de forma multimodal e permite ao leitor continuar o processo de apropriação do discurso. Jenkins (1992) prefere fugir da rotulação das *fanfics* como textos pornográficos, oferecendo uma leitura holística, que

vê a *fanfic* como uma estrutura narrativa que inclui o erotismo em descrições de atividades sexuais sem, no entanto, limitar-se a esse aspecto. Esse mesmo erotismo, que muitas vezes leva à descaracterização parcial ou total das personagens originais, parece ter motivado a comunidade “fanfiqueira” a formular seu próprio código, uma forma de estabelecer parâmetros de censura para o leitor-fã. Com um vocabulário predominantemente em língua inglesa, os autores sinalizam para o conteúdo da estória com termos como *slash* (pares homossexuais), *fluff* (estórias “água com açúcar”, leves e livres de conflito), *lemons* (para alertar quanto a presença de descrição de ato sexual, geralmente feira de forma altamente gráfica), *crossover* (quando há cruzamento de duas ou mais estórias, filmes) entre outros. Há também, um código estabelecido para determinar o público recomendado para a leitura da estória.

Por hibridizar cultura popular e canônica, o gênero tem sido mantido na periferia da esfera acadêmico-escolar. Essa visão dialógica da cultura parece dar conta do gênero *fanfic*, que talvez faça parte de uma prática popular vista como modelo de vulgaridade, assim como os folhetins e fotonovelas. Para transpor essa imagem de vulgar e fora dos padrões canônicos, Rojo, pede que para que a escola enxergue o aluno de sala de aula como o nativo digital que é: um construtor- colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas. O autor é aquele que faz uma bricolagem de textos já existentes – a escritura é uma cadeia de retomadas de já ditos, uma intertextualidade infinita: a noção de autor como criador originário é deslocada. Santaella (2007:78) destaca as particularidades da criação artística do mundo digital, na qual o processo criativo é mais importante do que o trabalho finalizado. A autora destaca também que essa abertura propiciada ao receptor promove a inclusão ao engajar indivíduos e até comunidades inteiras na participação em diferentes esferas sociais presentes na rede.

Com a escrita colaborativa, a remixagem de diferentes textos, a circulação em desses enunciados, certamente, uma nova função-autor é apontada e atrelada à noção do nascimento do leitor como sujeito engajado, como mais possibilidade de leituras, debates e produções que promovem o seu protagonismo.

As autoras que introduziram os estudos das *fanfics* consideram que nutrir a alma promovendo as percepções de liderança na construção dos significados de modo participativo, criativo e inovador, redesenhando modelos antigos e deixando

traços da transformação, eis o papel da escola e da educação, que pode ser levado aos seus fins através de práticas didáticas que contemplem o ser multiletrado e multimodal que é o jovem aluno de hoje.

7. LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO

E se as fanfics proporcionassem uma leitura de um livro canônico de uma forma prazerosa, como seria? Que a literatura faz parte das comunidades humanas, isso é de senso comum. Porém, a literatura parece não ter mais lugar no cotidiano das pessoas, segundo Rildo Cosson (2017). No seu livro “Círculos de Leitura e Letramento Literário, o autor, menciona que os livros que são lidos são obras didáticas e o best-seller do momento, seguido pela leitura indicada pela escola, como se supõe pela presença de obras canônicas e de literatura infantil na lista dos preferidos. Aliás, não é sem razão que o professor é o principal mediador da leitura.

Ainda, segundo o autor, se esse quadro tem muito de desolador para quem trabalha com literatura e acredita que é fundamental para a condição humana, a situação do ensino de literatura na escola não deixa dúvidas quanto ao se pode esperar da formação do leitor literário ou mais precisamente da ausência de formação do leitor literário.

Outro indício é a recusa da leitura das obras clássicas ou do cânone por conta das dificuldades impostas aos alunos por textos com vocabulário, sintaxe, temas e padrões narrativos complexos ou distantes de seus interesses imediatos. Para os jovens, a justificativa de que são obras de grande valor cultural não é um argumento suficiente para levá-los à leitura efetiva desses textos. Daí que recorram às adaptações cinematográficas ou ao resumo disponível na internet para cumprir as exigências escolares. Estas são feitas em formas de resumos, provas e outras formas de forçar a leitura e, assim, introjetar no aluno uma imagem desabonadora da literatura. E não mais importante, mas é interessante ressaltar que o ensino literário ocupa um lugar indevido na escola porque se trata tão somente de uma manifestação cultural entre outras. O resultado de tudo isso é o estreitamento do espaço da literatura na escola e, conseqüentemente, nas práticas leitoras das crianças e dos jovens.

Percebendo esta condição Hayles (2009) explica sobre a chamada literatura eletrônica. São obras que se valem dos recursos digitais para compor textos nos quais

a escrita se mistura a imagens e sons numa convergência de mídia. Neste caso, contam tanto a transposição de uma obra conhecida para o meio digital com exploração de recursos midiáticos quanto os textos que são compostos já seguindo a lógica e a multiplicidade de recursos do meio digital. Nessa nova literatura, as marcas mais evidentes são o fragmento ou a fragmentação tal como possibilitada pelo hipertexto: a interação, que aproxima o texto literário do jogo e da criação conjunta, apagando ou tornando menos nítidas as posições de leitor e autor; a construção textual em camadas superpostas e multimodais, como resultado da exploração dos muitos recursos disponibilizados pelo meio digital. Para muitos, é uma nova forma de fazer literatura. Muito mais que isso, trata-se de obras híbridas em um novo campo de expressão – o campo digital – que “testam os limites do literário e desafiam-nos a repensar nossos pressupostos do que a literatura pode fazer e ser” (Hayles, 2009, p. 22).

O trânsito de uma obra a outra, a passagem de um veículo a outro, acontece justamente porque o terreno em que eles se movem é comum: o espaço literário. Com isso, ao surpreender o literário em outras formas e veículos, não se busca mais a qualidade estética ou artística, mas ver como a palavra feita literária participa das manifestações e produtos culturais por proporcionar ficção e entretenimento em nossos dias. Hoje, para adotar uma visão mais ampla, a internet, em sua miríade de formas e facilidades, parece ser um verdadeiro oásis para a literatura. O leitor interessado pode percorrer portais, se interagir com as páginas pessoas de autores vivos, ler jornais e revistas de poesias, contos e romances. Há, ainda, as listas de discussões e as comunidades criadas especialmente para homenagear um autor, uma obra, um estilo literário.

Por esse caos na situação do ensino literário, arrisco-me a inserir outra forma de recriar a escrita com base nas linguagens líquidas, usando as fanfics. A partir da narração do livro canônico, visto com os olhos de outro narrador e sendo elaborado através da metalinguagem, os capítulos são remoldados e reinventados. A metalinguagem é expressa de forma multimodal e permite ao leitor continuar o processo de apropriação do discurso. Com essa escrita colaborativa, a circulação em rede desses enunciados, certamente, uma nova função-autor é apontada e atrelada à noção do nascimento do leitor como sujeito engajado com mais possibilidades de leituras, debates e produções que podem promover o seu protagonismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito. Por isso a promoção do protagonismo, criação de um sujeito engajado com a escrita colaborativa permite a reflexão das manifestações culturais que efetivamente circulam o contexto social. Desta forma é possível contextualizar a prática escolar da escrita nos domínios das novas tecnologias e potencializar o diálogo multicultural: cultura dominante, canônica, popular. Nutrir a alma promovendo as percepções de liderança na construção dos textos é o papel da escola e da educação nas práticas didáticas que contemplam o ser multiletrado e multimodal que é o jovem aluno de hoje.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. (1992). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- COSSON, Rildo. **Círculo de Leitura e Letramento literário**. 1. Ed., 1.^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- FREIRE, Paulo. (1991). **A educação na cidade**. São Paulo. Editora Cortez.
- JENKINS, H.. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.
- GRILLO, R.; PRATT, J.; STREET, B. V. (1987) **Antropology, Linguistics and Language**, In: J. Lyons (org.. New Horizons in Linguistics. Londres: Penguin.
- HAYLES, N. Katherine. **Literatura eletrônica**. Novas horizontes para o literário. São Paulo: Global. Passo Fundo, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Estética da Comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007,
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____. **Escola Conectada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- _____. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: ROJO, R. (Org.) A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado das Letras.
- SANTANELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOUSA, B. de. Os processos da globalização. In__ (org). A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 2005, p. 25-102.
- STREET, Brian. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e da educação; tradução Marcos Bagno**. – 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- _____. (1984). **Literacy in theory and practice**. Cambridge, Cambridge University Press.
- _____. (1993). (org). **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge, Cambridge University Press.